

Münster, 15 de novembro de 1998

Chiara aos jovens:

“A vocação”

(com tradução em alemão)

Speaker: É agradável passear pelas ruas do centro histórico de Munique, a principal cidade da Westfália. Os seus edifícios e os prestigiosos monumentos medievais, revelam o seu passado rico de história. Aqui foi assinado, em 1648, o tratado de paz que pôs fim à sanguinosa Guerra dos 30 anos que, provocada pelas disputas de caráter religioso, político e social, envolveu quase toda a Europa.

Aparentemente é um tranquilo domingo de outono, dia 15 de novembro. Poucos na cidade preveem a pacífica invasão de jovens que à tarde encherá a maravilhosa catedral.

Das 14 h e 30 min em diante, o maior e complexo edifício religioso da Westfália amplifica o entusiasmo de quase 4 mil jovens, provenientes não só da diocese de Munique, cujo bispo teve a ideia do convite, mas também de outras regiões da Alemanha e da Bélgica, Holanda e Dinamarca.

O tema do encontro é muito atual: a vocação. São novos os sons que ecoam nas majestosas naves do templo e também a cena ali representada: uma coreografia em três atos. Três jovens atores personificam três famosos macacos; um deles tapa os ouvidos, o outro os olhos e o terceiro a boca. Quem quiser, pode intuir que uma vocação exige escuta, visão e resposta. A provocatória locução: “Ei, você!”, que se difunde com grande rapidez na catedral, é dirigida pessoalmente a todos os presentes: não é possível se esconder na massa.

Outros jovens tomam a palavra e contam as suas experiências sobre o tema da vocação: alguns já encontraram a própria “estrada”, outros ainda a buscam.

Às 15 h e 30 min mudança de cenário: uma original procissão entra na catedral. Ao lado do bispo Lettmann vemos Chiara.

Título:

Dom Lettmann: Por que eu tive a ideia de convidar Chiara Lubich? (...) Para que ela nos ajude, com o testemunho da sua vocação, a compreender qual é a nossa vocação, para que nos encoraje a segui-la e nos contagie com a sua alegria, sim, com a sua “sede de Deus”.

(aplausos)

Chiara: Caríssimos e de modo especial: caríssimos e caríssimas jovens,/ estamos aqui reunidos, nesta bela Casa de Deus, com o objetivo de aprofundar um assunto que diz respeito a todos: a vocação./ Convidaram-me para falar a vocês sobre este tema tão importante, acrescentando algumas ideias àquelas que vocês já conhecem./

Vocação./ Qual é o significado desta palavra?/

Num sentido amplo, a vocação pode ser uma inclinação para uma função, uma determinada profissão, uma missão, uma tarefa que nos sentimos chamados a realizar em benefício de outro:/ “Quero ser médico, arquiteto, enfermeiro, jurista, professor, político, jornalista, etc. para ser útil à sociedade”./

No campo religioso, porém, vocação significa: o chamado por parte de Deus – por uma sua iniciativa de amor, porque ama – de uma pessoa ou de um povo a fim de torná-lo partícipe de sua vida/ e de confiar-lhe também uma missão especial, que se enxerta sempre num horizonte mais amplo que é aquele de forjar a humanidade como a família de Deus./

Para ser mais clara:/ Deus é Amor e externa o seu “ser Amor” chamando – a palavra vocação vem do verbo “vocare”, ou seja, “chamar” –, chamando uma pessoa ou um povo para partilhar da sua vida, perfeita, e para realizar uma função específica, particular, que tem como objetivo a grande missão de Jesus que é construir no mundo uma única família./

A vocação, portanto, é um chamado/ e por isso aguarda uma resposta./

Todos nós conhecemos muitas pessoas que Deus chamou no Antigo e no Novo Testamento, as quais lhe deram uma resposta./ Por exemplo, Abraão, Moisés, os 12 apóstolos, São Paulo.../ E sabemos reconhecer certas vocações ainda hoje presentes na Igreja de Deus, como aquela ao sacerdócio ou à vida religiosa ou a doar-se totalmente nos Movimentos novos, modernos, eclesiais como virgens ou como casados./

Hoje desejam que eu me detenha a falar sobre uma vocação especial, ou seja, sobre a minha./ Como podem intuir, não é fácil para eu falar em público sobre certas coisas;/ mas eu o farei com simplicidade, esperando que satisfaça vocês, e unicamente para dar glória a Deus (aplausos)./

A minha narração se enquadrará no período em que a minha vocação se manifestou./ Como acontece com as outras, também com a minha vocação Deus me convida a partilhar da sua vida, esforçando-me para aperfeiçoar-me – “Sede perfeitos”, Jesus disse – e ainda a colaborar para fazer da humanidade uma única família./

Naturalmente, eu não sabia nada, não tinha nenhum projeto./ De fato, é Deus que chama. É ele que escolhe, pois disse: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu que vos escolhi” (Jo 15, 16)/ e foi o que fez também comigo;/ ainda que eu fosse fraca e frágil como muitas jovens, como todas as jovens do meu tempo, ele atuou o seu plano gradualmente./

Antes mesmo que ele me chamasse, a minha vida já estava impregnada, pontilhada de pequenos episódios que indicavam que Deus me chamava./ Conto-lhes como foi, porque tenho certeza de que também na vida de vocês houve algum sintoma belo, quando eram crianças: uma pequena inspiração, um pensamento, uma intuição, uma bela leitura, a palavra de uma pessoa querida que se destacava da rotina da vida cotidiana./ E – após ter-lhes contado tudo – gostaria de lhes convidar a refletir e a ver como Jesus os amou. Estou certa de que é assim./

Eu ainda era pequena, tinha seis, sete anos, e com algumas religiosas eu fazia numa igreja a adoração ao Santíssimo exposto./ Eu me sentia impelida a olhar para a Hóstia Santa e a dizer: “Dá-me a tua luz; dá-me o teu amor”./ Recordo que era tão forte em mim o desejo do seu amor que fixava sempre a Hóstia Santa, até que a Hóstia branca ficou preta e o resto em volta se tornou branco./ Eu não sabia que mais tarde Deus me teria dado a luz e o amor para difundir em meu coração e em muitos outros./

Este já foi um pequeno episódio, um pequeno sintoma./ Depois houve outros até que fiz 18 anos./ Eu amava muito a filosofia./ Eu sentia o desejo, que era quase uma santa curiosidade, de conhecer Deus./ Quem será? Como será? Que relação terá comigo? Que relação terá com outros? Que relação terá com a história?/ A solução era frequentar uma universidade católica, esperando que ali me explicassem alguma coisa./ Contudo a precariedade econômica da minha família não me permitiu frequentar a universidade que eu desejava./ Lembro que, no quarto com minha mãe, eu chorava sem consolo e dizia: “Jamais conhecerei Deus. Jamais conhecerei Deus”./ Minha mãe tentava me consolar mas era inútil./

Finalmente, no fundo do coração tive a impressão de ouvir alguém que me dizia:/ “Eu serei o teu mestre”.

Depois de alguns anos: cinco, seis anos, quando Deus mandou este carisma ao mundo,/ compreendi que ele começava a me instruir sobre ele./

Quando tinha 19 anos fui convidada com outras estudantes a viajar para Loreto. Uma cidade que fica na Itália central./ Uma tradição diz que ali se encontra a casinha de Maria, José e de Jesus, transportada para lá durante as cruzadas./ Está dentro de uma igreja que parece uma fortaleza./

Sempre que eu podia, saía do curso das estudantes católicas e entrava na casinha./ Estava toda enegrecida pela fumaça das velas./ E uma coisa estranha! Eu me ajoelhava naquela casinha e começava a me sentir como que oprimida por algo muito forte, pelo divino./ Eu chorava/ e pensava:/ “O Menino Jesus deve ter corrido dali ali./ Nossa Senhora cantou na sua casa e estas paredes ouviram o som da voz de Maria./ São José colocou estas traves”/ e quanto mais pensava mais uma comoção profunda me dominava./

Foi ali que compreendi pela primeira vez a minha estrada./ Compreendi que ia nascer na Igreja uma nova estrada de consagração a Deus, de doação a Deus para moças e rapazes, para casados, para sacerdotes./ E como seria esta estrada?/ Uma repetição da vida da Família de Nazaré,/ onde em meio a dois virgens havia Jesus./

É a vocação ao focolare:/ virgens, moças ou rapazes,/ sacerdotes,/ que vivem com a presença de Cristo entre eles,/ que disse “Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mt 18, 20)./ Eu entrava sempre na casinha/ enquanto tive tempo./ No último dia/ eu estava no fundo da igreja/ e ali compreendi, não sei como,/ que eu seria seguida por uma multidão de virgens./

Passemos a outro episódio no mesmo ano./ Fazia muito frio em Trento./ A nossa família era assim: três irmãs e um irmão, minha mãe e meu pai./ Um dia era preciso ir comprar leite/ num lugar bem distante, a mais de um quilômetro e fazia frio./ Minha mãe não gostava de pedir para mim, porque ela queria que eu estudasse./ Ela disse à minha irmã: “Você quer ir?”/ “Mamãe, faz tanto frio!”/ Disse à outra: “Você quer ir?”/ e também ela tinha frio./ Então eu, impelida pela ideia de fazer um ato de amor/ – recordem-se deste detalhe: um ato de amor/ –, disse: “Eu vou, mãe!”/ E parti/ com esta garrafa vazia/ para comprar leite/ num lugar apartado./

No meio do caminho/ eu parei/ e tive a impressão, mas não é que o visse com estes olhos, era uma sensação interior/ de que o céu se abrisse/ e uma voz me dissesse:/ “Doe-se toda a mim”./ Depois conversei com o meu confessor,/ que logo me deu a permissão de ser toda de Jesus./

Eu já conhecia as minhas primeiras companheiras./ Naturalmente, a alegria era tão grande que eu não podia guardá-la para mim./ Eu contei tudo para elas/ e elas decidiram: “Queremos te seguir, Chiara”./ Foi o início da multidão de virgens (aplausos)./

